



ASHERAH, A AUSÊNCIA ERÓTICA DE DEUS

Angélica Tostes Thomaz*

RESUMO

O presente artigo pretende demonstrar que Israel nem sempre foi monoteísta. Essa crença em um único Deus se deu de uma construção cultural-religiosa que ocorreu entre os séculos IX e V a.C. O panteão israelita passou por diversas fases até chegar a síntese teológico-cultural mais propagada. A consolidação desse monoteísmo patriarcal representa também a dessacralização da sexualidade e do erotismo. E nesse desenvolvimento o monoteísmo suplantou Deuses e Deusas, entre elas está Asherah. Nessa exposição trataremos de elucidar alguns pontos a respeito da construção do monoteísmo javista-masculino, a supressão da imagem da Grande-Mãe, focada em Asherah, e as consequências de um Deus assexuado para a tradição judaico-cristã.

Palavras-chave: Asherah. Monoteísmo. Erotismo. Javé.

ASHERAH: THE EROTIC ABSENCE OF GOD

ABSTRACT

This article aims to demonstrate that Israel has not always been monotheistic. This belief in a single God came from a cultural-religious construction raised the 9th and 5th centuries BC. The Israeli pantheon went through several phases until the most propagated theological-cultural synthesis. The consolidation of this patriarchal monotheism also represents the de-sacralization of sexuality and eroticism. And in this development monotheism supplanted Gods and Goddesses, among them is Asherah. In this exposition we will try to elucidate a few points about the construction of the Yahwist-male monotheism, the suppression of the image of the Great Mother focused

* Mestranda em Ciências da Religião na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Teóloga pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Pesquisadora das temáticas: diálogo inter-religioso, teologia feminista, gênero.



on Asherah, and the consequences of a desexualized God for the Judeo-Christian tradition.

Keywords: Asherah. Monotheism. Eroticism. Yahweh.

ASHERAH, LA AUSENCIA ERÓTICA DE DIOS

RESUMEN

En el presente artículo se quiere demostrar que Israel no siempre ha sido monoteísta. La fe en un solo Dios es fruto de una construcción cultural-religiosa ocurrida entre los siglos IX y V A.C. El panteón israelita ha pasado por distintas etapas hasta llegar a la síntesis teológico- cultural más difundida. La consolidación del monoteísmo patriarcal representa también la desacralización de la sexualidad y del erotismo. En dicho desarrollo el monoteísmo reemplazó Dioses y Diosas, siendo una de ellas Asherah. En esta exposición trataremos de aclarar algunos puntos que tiene que ver con la construcción del monoteísmo yahvista- masculino, la supresión de la imagen de la Grande- Madre, focalizada en Asherah, y las consecuencias de un Dios asexuado, para la tradición judeocristiana.

Palabras-clave: Asherah, monoteísmo, erotismo, Yahvé.

INTRODUÇÃO

Israel nem sempre foi monoteísta. A crença em um único Deus foi uma “construção cultural-religiosa ocorrida ao longo de um período histórico relativamente longo, basicamente entre os séculos IX e V a.C” (Haroldo REIMER, 2008, p. 66). O panteão israelita passou por diversas fases até chegar a síntese teológico-cultural mais propagada. E nesse desenvolvimento o monoteísmo suplantou Deuses e Deusas, entre elas está Asherah.

O culto da Deusa-Mãe é um dos mais antigos da história da humanidade. “Desde à época paleolítica até a neolítica, e estendendo-se aos inícios da civilização antiga, encontramos a imagem da Deusa, amplamente difundida, sem uma figura cúltica masculina que a acompanhasse” (Rosemary RUETHER, 1993, p. 46). Deusas como Inana, Ishtar, Anate, Asherah eram muito comuns nos tempos de construção do monoteísmo javista, sendo a própria Asherah consorte de Javé. Deusas da fertilidade, grandes-mãe, controladoras da natureza, características que

gradativamente foram assimiladas por Javé, o tornando o único Deus, Todo-Poderoso e assexual.

“A consolidação do monoteísmo representa também a dessacralização da sexualidade e do erotismo” (Nancy Cardoso PEREIRA, 2001, p. 8). Ao suprimir as Deusas do panteão israelita a manifestação erótica de Javé também foi suprimida. Os Deuses e Deusas que outrora eram representados por suas características sexuais e eróticas, em Javé, sua masculinidade, é representada apenas por associações como pai, guerreiro, rei e não por aspectos de sua sexualidade. “A literatura vai explicitamente evitar citar ou referir-se aos atributos sexuais da divindade, esforçando-se por criar mecanismos de evitação do assunto” (Nancy Cardoso PEREIRA, 2001, p. 7).

Nessa exposição trataremos de elucidar alguns pontos a respeito da construção do monoteísmo javista-masculino, a supressão da imagem da Grande-Mãe e as consequências de um Deus assexuado para a tradição judaico-cristã.

1. DO POLITEÍSMO AO MONOTEÍSMO

As escavações arqueológicas se tornaram uma grande fonte para compreender o cotidiano do povo israelita e compreender que Israel prestava culto a diversas divindades, como deuses da fertilidade, como Baal, Asherah e Astarte (José Ademar KAEFER, 2015, p. 442).

Mark Smith faz alguns apontamentos importantes sobre a situação religiosa em Israel:

1. “O monoteísmo se desenvolveu na religião israelita monárquica ou pelo menos em segmentos de sua população e, finalmente, ele se tornou normativo para os autores dos que vieram a ser os textos bíblicos” (Mark SMITH, 2006, p. 133).
2. “Esse monoteísmo não se originou historicamente de um momento prístino no Sinai com Moisés e a aliança feita lá. Ao apresentar este tempo antigo, a Bíblia nos lembra que “outros deuses” são uma possibilidade, como os Dez Mandamentos alertam os israelitas [...] O monoteísmo foi um desenvolvimento na religião israelita que foi lido retroativamente em sua tradição religiosa antiga” (Mark, SMITH, 2006, p. 133).

3. “Expressões explicitamente monoteístas realmente emergem em um ponto crucial da religião israelita, mas isso não significa negar que haviam formas corrente de politeísmo judaíta, nem mesmo negar as pluralidades dentro da divindade no monoteísmo bíblico” (Mark SMITH, 2006, p. 133).
4. “Até onde podemos dizer, sempre houve algo monista no politeísmo, ele usava diferentes conceitos para expressar a “unicidade” no universo” (Mark SMITH, 2006, p. 133).

A arqueologia tem auxiliado no resgate da tradição israelita. A estela de Mesa, ou estela moabita, foi feita pelo rei Moab, entre 840 a.C. Nos escritos é dito que Javé é um Deus nacional, porém, ainda não era cultuado como único Deus.

O desenvolvimento da religião israelita para um monoteísmo gerou alguns movimentos nos panteões presentes da cultura. Um primeiro movimento a ser destacado é a assimilação de divindades com Deus de Israel e um segundo movimento é a “demonização” de tais divindades, afirmando assim, a soberania do monoteísmo israelita.

No primeiro movimento podemos notar a assimilação de El com Javé. El é o Deus criador e supremo do panteão ugarítico, os cultos a El eram muito fortes em Canaã e mais tarde, também, em todo Israel (José Ademar KAEFER, 2015, p. 422). Javé era mais um Deus entre os outros no panteão, um Deus de nível inferior a El. Entretanto, no início do panteão do Israel monárquico Javé e El “foram igualmente identificados” (Mark SMITH, 2006, p. 163). A assimilação de Javé-El é apenas um exemplo de como o monoteísmo israelita absorveu as divindades ugaríticas e de outras culturas para construir um Deus Todo-Poderoso. Walter Brueggeman menciona o livro de Walter Harrelson, *From Fertility Cult to Worship*, para compreender melhor essa temática. No estudo é visto o desenvolvimento da fé israelita, que outrora era separada dos cultos da fertilidade. “Porém, ele percebe, especialmente no livro de Oséias, que as funções da fertilidade relacionadas à reprodução e geração são atribuídas a Javé, e não simplesmente aos baalins” (Walter BRUEGGEMANN, 2014, p. 234).

Após as diversas assimilações dos diversos poderes de outros Deuses e Javé no topo do panteão israelita, como único Deus, começa

a perseguição e demonização das outras divindades. Onde estavam as divindades menores, como “sol, lua e estrelas” são criticadas no culto javista (2 Reis 23):

[...] do templo de Jerusalém teriam sido retirados utensílios feitos para Baal, Aserá e o Exército do céu; sacerdotes dos ‘altos’ foram depostos, a estaca sagrada (hebraico: asherah) foi destruída, cabanas onde as mulheres teciam véus para Aserá foram demolidas etc. Também os santuários do interior foram desautorizados e desmantelados. Houve, assim, claramente, uma concentração do culto a Yahveh em Jerusalém, com a conseqüente exigência da adoração exclusiva dessa divindade (Haroldo REIMER, 2003, p. 982).

Essas atribuições à Javé dos poderes de outras deidades ou às mudanças produziu um Deus que passou a representar todos esses outros Deuses e Deusas “sem ser igual a elas e sem que elas tivessem nenhuma existência genuína” (Mark SMITH, 2006, p. 179). Se nenhum desses Deuses e Deusas são genuínos, nessa lógica, então devem ser destruídos. E assim, no pós-exílio, foram suprimidas todas as divindades, principalmente as femininas, e cultos femininos, apagando assim a história e espiritualidades das mulheres, sacerdotisas e religiosas da seguinte tradição.

2. A HISTÓRIA DA ESPOSA ESQUECIDA

A arqueologia permitiu que descobríssemos que Javé não substituiu a Deusa no culto prático por um bom tempo. Rosemary Ruether diz que Javé, para o imaginário de muitos, substituiu Baal, assim, ganhou a esposa Asherah, que continuou sendo adorada ao lado de seu novo parceiro Javé no templo salomônico por volta e dois terços de sua existência (Rosemary RUETHER, 1993, p. 53).

Aserá, na maioria do tempo venerada sob o corpo de uma árvore, era, inicialmente, a parceira de YAHWEH, mas com o crescente desenvolvimento do jvismo como religião de um deus masculino, transcendente e único, ela foi taxada como sua maior rival e inimiga (Monika OTTERMANN, 2005, p. 48).



O cenário mudou quando a partir de 1929 e diante foi encontrado os textos ugaríticos, pois antes era comum a negação de Asherah, dentro e fora da Bíblia, mas agora:

[...] no sólo reaparece como una Diosa principal en los textos ugaríticos, sino que es identificada claramente en la Biblia, a pesar de la fuerte represión ejercida por la religión oficial de Israel. Por lo demás, no hace tanto tempo que la arqueología nos ha brindado material epigráfico del sur de Israel en que la Diosa aparece en una notable asociación con Yavé (Severino CROATTO, 2001, p. 30).

Asherah, a Deusa do panteão ugarítico passa a ser a consorte do Deus israelita. Esse relacionamento foi esquecido propositalmente tanto nas Escrituras, que queriam afirmar a única divindade masculina como Javé, quanto nas teologias posteriores, que utilizaram desse imaginário masculino de Deus para subjugar as mulheres por séculos e séculos. Portanto, é de suma importância trazer a memória a imagem da Grande Mãe na tradição judaico-cristã.

Além das evidências arqueológicas, que serão exploradas posteriormente, acadêmicas/os se dedicaram também ao estudo da palavra Asherah, que aparece em 40 ocasiões na Bíblia hebraica.

- A palavra parece 18 vezes na forma nominal feminina do singular como, אֲשֶׁרָה (Dt. 16:21; Ju. 6:25,26,28, 30; 1Reis. 15:13; 16:33; 18:19; 2Reis. 13:6; 17:16; 18:4; 21:3,7; 23:4,6,7,16; e 2Cr. 15:16).
- A forma plural masculina אֲשֶׁרִים (muitas vezes com o sufixo) ocorre 19 vezes (Ex. 34:13; Dt. 7:5; 12:3; 1Reis. 14:15,23; 17:10; 23:14; 2Cr. 14:2; 17:6; 24:18; 31:19; 34:3,4,7; Isa. 17:8; 27:9; Jer. 27:2; e Miq. 5:13).
- Os restantes das aparições da palavra ocorrem no substantivo feminino plural אֲשֶׁרָת
- Jz. 3:7; 2Cr. 19:3; e 33:3). (David BOKOVOY, 2012, p. 56).
- Para Ana Luísa Cordeiro (2011, p. 44) muitas dessas referências se distanciam do símbolo da Deusa Asherah אֲשֶׁרָה, pois houve um processo de “masculinização” que “tenta apagar qualquer memória da Deusa”. Então, ao transformar Asherah em um

mero objeto cúllico elimina o caráter da Deusa como parceira de Javé e recebedora de adoração.

A maioria das aparições de Asherah no texto bíblico está na literatura Deuteronomista ou então em fontes posteriores. David Bokovoy (2012, p. 57) diz que as datações históricas dessas passagens acabam criando desafios para as interpretações das concepções religiosas pré-exílicas em relação às visões israelitas de Asherah. E é necessário um certo grau de cautela nas leituras, pois, segundo Binger (1997, p. 110-111) os autores deuteronomistas possuíam um conhecimento limitado do politeísmo pré-exílio já que tudo foi reunido relativamente tarde e os redatores advogavam pelo monoteísmo javista. “Além disso, como vários estudos recentes mostram, os autores pós-exilados não eram tão dedicados ao monoteísmo radical como muitos comentaristas que frequentemente assumem” (David BOKOVOY, 2012, p. 57).

É importante ressaltar a reforma político-religiosa de Josias, que ocorreu no último quarto do século VII a.C. Essa reforma tentou afastar as diversas formas de adoração a outros deuses, colocando Javé no centro e travando batalhas contra templos de outros deuses e deusas no seu reino e no antigo Reino do Norte, como é visível em 2 Reis 22-23. Essas reformas, que é possível encontrar como partes fundamentais em Deuteronomio, construíram e reforçaram a identidade monoteísta, como Haroldo Reimer coloca, um “monoteísmo nacional em sua versão oficial” (2008, p. 71)

Entretanto, por mais que a perseguição e supressão de outras divindades tenha ocorrido em Israel, a cultura popular ainda mantinha suas formas de adoração próprias. Sendo assim, mesmo com a perseguição às deusas, como Asherah, ainda resistiram na fé israelita.

Outra evidência, entretanto, parece sugerir que Josias não conseguiu impedir a veneração de imagens esculpidas, pois estatuetas de uma mulher de pé, segurando os seios com as próprias mãos (geralmente identificada com a deusa Asherat), foram encontradas, em abundância, dentro de complexos residenciais privados em todos os principais sítios do final do século VII (Israel FINKELSTEIN; Neil Ascher SILBERMANN, 2003, p. 387).

A arqueologia é uma fonte de resgate a essa fé marginal de Israel. Veremos a seguir alguns pontos da arqueologia de Asherah e suas diversas manifestações na cultura popular.

a) A arqueologia da Deusa

As evidências arqueológicas nos auxiliam a ir além do que é presumido pelos autores deuteronômistas. Existem diversos materiais que ajudaram no resgate de Asherah, como o jarro encontrado em Laquis pelo arqueólogo britânico James L. Starkey em 1934. Esse sítio ficava a 40 km a sudoeste de Jerusalém, e foi datado do século XII a.C. (Ana Luísa CORDEIRO, 2011, p. 36). A inscrição contida é para a Elat, o feminino de El e equivaleria a Asherah, consorte de El no panteão cananeu.

O jarro é decorado e contém inscrições raras do antigo alfabeto semítico. Na decoração, há o desenho de uma árvore flanqueada por duas cabras com longos chifres voltados para trás, que, segundo Hestrin, representa a Asherah. Uma inscrição que segue pela borda do jarro foi reconstruída e traduzida por Frank M. Coss (apud HESTRIN, 1991, p. 54) como: “Mattan. Um oferecimento para minha senhora “Elat” (Ana Luísa CORDEIRO, 2001, p. 36).

Uma escavação em Arad, no sul de Judá, encontrou um templo de Javé do século VIII. A seguir a descrição da escavação feita por José Ademar Kaefer:

Construído em continuidade com os lugares altos, com as eiras, ou as bamot, onde aconteciam os ritos da fertilidade, foram encontradas nesse templo duas estelas (massebot). As estelas estavam colocadas fixas no santo dos santos. A maior, que representava a divindade masculina (Javé? Baal?) media 90 cm. A outra era um pouco menor e representava uma divindade feminina (Asherá?). A maior era fálica, tinha a parte superior arredondada e estava pintada de vermelho. Em frente a cada uma delas havia um pequeno altar para incenso [...] Portanto, uma prova contundente da forte presença, em tempos tardios, de cultos da fertilidade no interior de Judá e da influência que estes exerceram sobre o javismo (José Ademar KAEFER, 2015, p. 423).

Foram encontradas pequenas estátuas femininas quebradas em 1960, pela arqueóloga inglesa Kathleen Kenyon. Essas estátuas estavam localizadas em uma caverna próxima ao templo de Salomão em Jerusalém (Ana Luísa CORDEIRO, 2011, p. 37).

Em 1967 William Dever conduziu uma escavação de salvamento próximo a Khirbet el Qom, uma pequena vila localizada entre Laschisch, Tell Beit Mirsin e Hebrom. A escavação foi necessária para descobrir inúmeros de itens em uma antiga loja em Jerusalém (Tilde BINGER, 1997, p. 94). O sítio compunha dois túmulos, itens menores e três inscrições que fizeram uma grande contribuição para o resgate de Asherah.

Severino Croatto (2001, p.33) traduz a inscrição da seguinte maneira:

1. Uryahu [... algo sobre él] su inscripción.
2. Bendito sea Uryahu por Yavé (lyhwh),
3. su luz por Asherá, la que mantiene su mano sobre él
4. por su rpy, que...

Nessa inscrição pode-se notar a colocação de Asherah como Deusa e sua associação com Javé. E também a função de Asherah como Deusa protetora, já que podemos considerar essas inscrições como uma benção apotropaica.

Outro achado arqueológico de grande valia foi o de Kuntillet 'Ajrud, localizado no deserto do Sinal, a 50 km ao sul de Cades-Barnea, na via que liga Gaza a Elat. Lá foram encontradas inúmeras inscrições e desenhos, e são de suma importância para a compreensão da história de Israel e Judá (José Ademar KAEFER, 2015, p. 893).

O sítio foi escavado por uma equipe coordenada pelo arqueólogo Ze'ev Meshel, do Instituto de Arqueologia da Universidade de Tel Aviv, em 1975-1976, e foi datado com bastante precisão na primeira metade do século VIII a.C. (MESHEL, Z., 1993). Portanto, com quase total probabilidade, durante o longo reinado de Jeroboão II (788-747) (José Ademar KAEFER, 2015, p. 894).

Entre os muitos achados em Kuntillet 'Ajrud, dois potes de cerâmica (pithos) se destacaram devido as inscrições contidas nele. “Em ambos havia uma fórmula usada para introduzir uma carta-oração de bênção” (José Ademar KAEFER, 2015, p. 895).

No pithos A:

ברכת אתכם יהוה שמרן ולאשרתה

“Eu o abençoo por YHWH de Samaria e sua Asherah”

No pithos B:

ברכתך יהוה תמן ולאשרתה

“Eu te abençoo por YHWH de Teman e sua Asherah”

Da mesma maneira, a inscrição na porta do santuário de Kuntillet ‘Ajrud lê-se

ליהוה תמן ולאשרתה

“[Pertencendo] A Javé e sua Asherah” (David BOKOVOY, 2012, p. 53).

Entre os desenhos gravados nas jarras, alguns são mais notáveis, é o caso da cena que retrata duas divindades, aparentemente uma masculina e outra feminina. As divindades têm forma humana, mas com traços de animal, possivelmente de leão ou de touro. A parte superior do corpo está vestida com um vestuário de couro, e a parte inferior aparentemente está nua. O que parece ser a genitália, pode ser a cauda (do leão?). À parte tem outras cenas, um/a tocador/a de lira; uma árvore da vida ladeada por dois cabritos montanhese comendo das suas folhas; um leão; um grupo de pessoas (cinco figuras) com as mãos e erguidas em oração; um arqueiro atirando; um grupo de animais; e, por fim, uma vaca amamentando e lambendo seu filhote (José Ademar KAEFER, 2015, p. 895).

3. SEXO E OS/AS DEUSES/AS

O sexo é uma poderosa experiência humana, inseparavelmente conectada com a habilidade – como um Deus – de criar vida, como diria Tikva Frymer-Kensky um “fenômeno muito complexo” (Tikva FRYMER-KENSKY, 1992, p. 187). E ela ainda afirma que a dimensão da atração erótica tem um lugar integral no funcionamento do cosmos (Tikva FRYMER-KENSKY, 1992, p. 187). E para haver atração é necessário que haja corpo. Deuses e Deusas com corpos. De uma perspectiva psicológica, é natural que humanos criem Deuses à sua imagem (David BOKOVOY, 2012, p. 6). De acordo com Esther Hamori, o teísmo é intrinsecamente

antropomórfico, pelo menos até certo ponto, e as percepções antropomórficas fornecem o fundamento básico para todas as concepções religiosas (Esther HAMORI, 2008, p. 47). Deuses e Deusas com desejos, corpos, sentidos, semelhante a humanos.

O imaginário religioso compartilhado por diversos povos e também por Israel percebia a sexualidade como parte da ordem natural da vida, e como relação básica de geração, sustentação e re-criação do cosmos. A atração erótica é um movimento fundamental na dinâmica do cosmos, suas aproximações e distanciamentos, copulações e fertilidade. Deuses e deusas, homens e mulheres têm em comum a capacidade relacional, o desejo erótico e a dinâmica da fertilidade (Nancy Cardoso PEREIRA, 2001, p. 7).

E assim os mitos são criados, as trajetórias, aventuras são tecidas a partir do corpo. A experiência sexual entra como um fenômeno importantíssimo nas antigas mitologias do Oriente Próximo. Reconhecendo esse aspecto Tikva Frymer-Kensky entende que o sexo comum também pode ser visto como divino, pois as aventuras e as desventuras sexuais dos deuses e deusas proporcionaram um paralelo divino para a sexualidade. Essas histórias mostraram que os deuses e deusas também sentiram essas pulsões e realizaram esses atos (1992, p. 187). Então, o sexo passa a ter uma dimensão sagrada e não faz com que as pessoas sejam menos “divinas”. Segundo Tikva Frymer-Kensky (1992, p. 187) é exatamente o contrário, já que reforça a semelhança com a ordem superior do ser, que seriam os deuses e deusas. A virilidade e potência dos deuses masculinos, os paradigmas de certo e errado na atividade sexual, vem desse antropomorfismo entre seres humanos e deuses(as).

A afirmação de Frymer-Kensky, de fato, inverte a percepção da construção metafórica: os humanos são como os deuses (não o inverso). Neste sentido, a mitologia que descreve os deuses como criaturas sexuais funcionou como um tipo ou reflexo do comportamento humano; essas imagens poderiam, portanto, fornecer lições valiosas sobre a sexualidade humana (oferecendo modelos positivos e negativos), bem como uma etiologia que explica as origens da presente ordem mundial. Em termos de representações da era primordial, o sexo geralmente aparece ligado nas tradições do Oriente Próximo com o poder da criação divina. (David BOKOVOY, 2012, p. 8)



Para citar como exemplo, podemos relembrar o mito sumério na qual An (Céu) e Ki (Terra) se relacionam sexualmente, o Céu fecunda Ki com seu sêmen divino e gera vida, entre isso o filho Enlil. Outro exemplo é ainda no panteão sumério o sexo sagrado entre Enki e Ninsikila/Ninhursaga. El também aparece como um Deus cuja virilidade é mostrada pelo falo, em KTU 1.23:

“Os cumprimentos do pênis de El, como o mar,
Verdadeiramente, o pênis de El, como a comida.
O pênis de El alonga-se como o mar,
Verdadeiramente, o pênis de El, como o dilúvio.”
(David BOKOVOY, 2012, p. 20).

O El do panteão ugarítico, que posteriormente virará o El israelita, perde sua sexualidade com o monoteísmo israelita.

A consolidação do monoteísmo representa também a dessacralização da sexualidade e do erotismo. Reduzidos a fenômeno estritamente humano, erotismo e sexualidade não mais se apresentam como alternativa possível da experiência religiosa, ficando muitas vezes reduzidos e catalogados como sinônimo de pecado e idolatria (Oséias + Ezequiel) (Nancy Cardoso PEREIRA, 2001, p. 8).

a. A ausência erótica de Javé

Transformaram Javé em um Deus assexuado, sem relações familiares, ausente de corporeidade. Vale ressaltar que a ausência erótica de Deus é uma consequência do monoteísmo “anicônico, sacerdotal e exclusivo” (Osvaldo Luiz RIBEIRO, 2015, p. 239). Entretanto, essa visão do deus-sem-corpo-assexual foi uma construção e nem sempre foi assim na história de Israel.

A negação e a omissão do imaginário sexual e erótico no fenômeno religioso em Israel faz parte da intencionalidade editorial de construção de uma divindade única despossuída de elementos e relações antropomórficos. A velação do corpo de Deus (Ninguém viu a Deus), a afirmação de uma divindade única e, por isso mesmo, sem racionalidade estreitam as possibilidades do imaginário erótico como expressão religiosa. Em lugar das trocas cósmicas fertilizadoras da

vida, expressas em profusões de relações entre deuses e deusas, estabelece-se uma divindade única que governa a partir da Lei e da Palavra. De todos os orifícios do corpo responsáveis pelas trocas com o mundo e as pessoas, somente a boca vai manter sua dignidade (Nancy Cardoso PEREIRA, 2001, p. 8).

Segundo Esther Hamori todo teísmo é antropomórfico e a tentativa de rejeitar o antropomorfismo é forçada, pois por mais que possa negar algum aspecto, nunca será possível negar o fenômeno em si (2008, p. 46). Só podemos abordar Deus de maneira antropomórfica. “Sem qualquer tipo de antropomorfismo, não pode haver religião como a conhecemos” (Esther HAMORI, 2008, p. 47). Essa noção da deidade com características humanas existe em todas as tradições, inclusive na tradição de Israel. Em Êxodo 24:9-11, em uma teofania no Monte Sinai, Moisés, Arão, Nadabe e Abiú e mais 70 anciãos subiram a montanha e viram a “o Deus de Israel” (אלהי ישראל v. 10). De acordo com o texto, esse homens não apenas viram os pés e mãos de Deus, mas também se juntaram com o אלהי ישראל em uma refeição (David BOKOVOY, 2012, p. 5-6).

Entretanto, por mais que a tradição seja antropomórfica, pensar na corporeidade integral de Javé leva a pensar as dimensões da sexualidade de Deus. Portanto é mais fácil negar o corpo de Javé, negar sua companheira Asherah, negar o erótico. Porém, isso faz com que seja necessário suspeitar do que os textos deuteronomistas nos apresentam e ir além dele, além das fontes da bíblia hebraica. Buscar, como já foi feito, na arqueologia indícios de uma corporeidade de Javé, da sua sexualidade, da sua ligação com a Grande Mãe Asherah.

Javé tem sexo e é masculino. Mesmo que todas as representações de imagem tenham sido banidas, a referência ao Deus-Pai deixa claro a representação de uma divindade masculina. Além desse fator, como foi visto no achado de Kuntillet ‘Ajrud tem uma imagem de Deus erotizado, com seus órgãos sexuais expostos e ao lado de duas divindades femininas associada a Asherah (Haroldo REIMER, 2001, p. 43). Mas com o passar do tempo Javé vai perdendo sua corporeidade e se tornando um Deus para-além-do-corpo, patriarcal, kyrial e assexual. “Na rejeição da sexualidade rejeitou-se a mulher” (Ivone GEBARA, 2016, p. 91).



A ausência erótica de Javé se inicia na perseguição e destruição de seu lado feminino. Javé incorpora Asherah em alguns aspectos, mas toda simbologia do sagrado é masculina, devido ao contexto patriarcal dominante. “A religião oficial israelita adota, então, uma identidade fortemente masculina, na qual o feminino passa a ser relegado ao espaço particular das mulheres” (Ana Luísa CORDEIRO, 2011, p. 61).

Resgatar o erotismo de Deus é, em primeiro lugar, resgatar a Deusa. Reimaginar as categorias do Divino.

Reimaginar é questionar compreensões fechadas acerca do poder divino, questionar a dominação máscula sobre mulheres, homens e outros seres vivos. Reimaginar é poder dar voz àquilo que nunca deixou de existir, o imaginário feminino da divindade, a representação feminina da Deusa (Ana Luísa CORDEIRO, 2011, p. 63).

E revisitar todo o silenciamento e a repressão das divindades femininas no Antigo Israel e como isso reflete em nossos dias na tradição judaica-cristã. Severino Croatto afirma a tragicidade do predomínio absoluto e exagerado do uso do Deus masculino (2001, p. 18). E destaca alguns pontos para destacar a importância de uma linguagem e símbolos femininos em relação ao sagrado.

- a) En multiplicar las funciones, representaciones y nombres femeninos, si se quiere, Sofía/Sabiduría como nombre de Dios y no como una metáfora ni una simple personificación del ideal sapiencial. Hay muchas posibilidades de atribuir a la divinidad papeles femeninos, lo que lleva a la identificación de la Diosa;
- b) En recuperar a la Diosa, sea como alternativa coherente (no lo es el Dios Madre, ¡porque en este caso “madre” no pasa de ser un atributo metafórico de un ser masculino!) o como integrada heterosexualmente como la Diosa junto a Dios [...] No obstante, cualquiera sea la especialización funcional de los Dioses en la instancia masculina o femenina, ellos/ellas tienen su consorte: Ilu-Atíratu, en Ugarit, Marduc-Sarpanitu en Babilonia, Enlil-Ningal entre los sumerios, Zeus-Hera para los griegos, etc (Severino CROATTO, 2001, p. 18-19).

Trabalhar com as diferentes linguagens a respeito de Deus é quebrar a estrutura patriarcal, kyrial e masculino. Um Deus que com sua masculinidade governa como um pai e é um patrão como um político (Severino CROATTO, 2001, p. 15). “Quando uma divindade feminina é atacada como inimiga, logo o que a divindade representa também passa a ser considerado como inimigo, o feminino” (Angélica TOSTES, 2017, p. 4). As divindades femininas se tornam negativas, e as mulheres não possuem sua imagem nos céus, portanto, entre as mulheres e Deus há um abismo.

No que se refere à divindade, o vazio feminino está presente nos céus. As mulheres nunca foram dignas de estar sentadas no céu, nem ter anjos a seus pés. As mulheres nunca tiveram verdadeiramente seu “dublê” divino nos céus. Tiveram sim que se contentar com o rosto da divindade masculina, forçosamente convencidas de sua inferioridade ontológica e histórica, pois nada nelas assemelhava-se ao divino para merecer uma habitação digna nos céus (Ivone GEBARA, 1991, p. 18).

O resgate da imagem do divino feminino tem uma importância na tentativa da reconstrução da História de Israel e o processo dar a voz a essas divindades femininas é a possibilidade da “identificação sagrada das mulheres, em busca de relações mais recíprocas e humanizadas entre os gêneros” (Ana Luísa CORDEIRO, 2007, p. 12). Quebrar o sagrado como “masculino” é quebrar as relações de poder. É dar espaço a experiência de alteridade religiosa das mulheres ao se identificar com um divino positivo (Angélica TOSTES, 2017, p. 5).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossas reflexões procuraram tratar a ausência erótica de Javé no decorrer da construção do monoteísmo patriarcal de Israel. Observamos o desenvolvimento da religião de Israel e seus desdobramentos de um politeísmo para o monoteísmo javista como é divulgado pelos deuteronomistas. Em seus diversos estágios de desenvolvimento é possível observar a Deusa Ugarítica Asherah como esposa de El-Javé.

Outro ponto foi trazer à memória a imagem e função da Grande Deusa Israelita, apagada dos escritos oficiais da Bíblia Hebraica, mas ainda sim resistindo na arqueologia. Apontamos a arqueologia como



fonte principal para o resgate de Asherah e reconstrução da História de Israel. Além da arqueologia como esse recurso do resgate, também observamos na Bíblia Hebraica as referências a Asherah e as tentativas de transformar a divindade em apenas postes e árvores sagradas (que eram símbolos da divindade, não objeto de culto) pela cultura patriarcal. Também vimos que por mais que a repressão de Josias destruísse as imagens e as divindades femininas do templo de Javé, não foi possível tirar isso do imaginário da cultura popular, que continuou a produzir estatuetas de divindades femininas.

Ressaltamos a importância do sexo para as mitologias no Oriente Próximo e alguns mitos de criação envolvendo a relação sexual entre deuses. Apontamos que o antropomorfismo dos deuses e deusas perpassam também pela sexualidade e desejos. Apresentamos o El ugarítico que era exaltado pela sua virilidade fálica.

A ausência erótica de Javé acontece com a tentativa de transformar Javé em um Deus não-antropomórfico, o que é algo impossível. Como foi apresentado, é impossível falar de Deus em o antropomorfismo. Javé se torna patriarcal, kyrial e sem corpo. Ao tirar o corpo de Javé, tiramos sua sexualidade. Assim, Javé não precisa de sua consorte mais. No desprezo da sexualidade e de Asherah as mulheres não tiveram mais espaço no âmbito religioso.

O resgate da divindade feminina é uma tarefa que requer grandes esforços. Destituir o masculino como único símbolo possível do Sagrado no âmbito judaico-cristão é um trabalho sem fim e prazo, pois a mulher continua sendo menosprezada nas diversas facetas da sociedade, e principalmente na religião. Recuperar o feminino, a Deusa, a linguagem feminina como parte da tradição judaica-cristã é fundamental para a alteridade da mulher com o Sagrado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BINGER, Tilde. **Asherah: Goddesses in Ugarit, Israel and the Old Testament**. JSOTSup 232. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997.

BOKOVOY, David. **Yahweh as a Sexual Deity in J's Prehistory**. Tese de doutorado, Brandeis University, 2012

BRUEGGEMANN, Walter. **Teologia do Antigo Testamento: Testemunho, Disputa e Defesa**. São Paulo: Paulus, 2014



CORDEIRO, Ana Luísa. **Onde estão as Deusas?** Asherah, a Deusa proibida, nas linhas e entre linhas. São Leopoldo: CEBI, 2011

CORDEIRO, Ana Luísa. **ASHERAH: A Deusa Proibida.** Revista Aulas. Dossiê Religião N.4 – abril 2007/julho 2007.

CROATTO, Severino. A deusa Aserá no antigo Israel: a contribuição epigráfica da arqueologia. **Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana (RIBLA)**, n. 38. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 32-44.

FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil Ascher. **A bíblia não tinha razão.** São Paulo: A Girafa, 2003.

FRYMER-KENSKY, Tikva. **In the Wake of the Goddesses: Women, Culture, and the Biblical Transformation of Pagan Myth.** New York: Free Press; Maxwell Macmillan Canada; Maxwell Macmillan International, 1992

GEBARA, Ivone. **Conhece-te a ti mesma:** Uma leitura feminista do humano. São Paulo: Ed. Paulinas, 1991.

GEBARA, Ivone. Corpo, novo ponto de partida da teologia. In: RIBEIRO, Cláudio (org.). **Rasgando o Verbo:** Teologia Feminista em foco. São Paulo: Fonte Editorial, 2016.

HAMORI, Esther J. **When Gods were Men: The Embodied God in Biblical and Near Eastern Literature.** BZAW 344; Berlin: Walter De Gruyter, 2008.

KAEFER, José Ademar. O Êxodo como tradição de Israel Norte, sob a condução de El e Javé na forma de touro jovem. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 13, n. 38, p. 878-906, abr./jun 2015

KAEFER, José Ademar. A arqueologia e a nova compreensão da história de Israel e Judá. in NOGUEIRA, Paulo (org.). **Religião e linguagem:** abordagens teóricas interdisciplinares. São Paulo: Paulus, 2015.

KAEFER, José Ademar. A Bíblia, a Arqueologia e a História. Disponível em <<http://portal.metodista.br/arqueologia/artigos/2014/a-biblia-a-arqueologia-e-a-historia>>. Acesso em 03 de jul de 2017.

OTTERMANN, Monika. Vida e prazer em abundância: A Deusa Árvore. **Mandrágora.** São Paulo, ano XI, nº 11: 40-56, 2005.

PEREIRA, Nancy Cardoso. Sagrados corpos. Introdução: Sagrados corpos. **Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana/Ribla**, Petrópolis: Vozes, n. 38, p. 5-10, 2001.

REIMER, Haroldo. Monoteísmo e Identidade. In: **Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP)**, Vol. 16, mai./ago. de 2008.

REIMER, Haroldo. Sobre os inícios do monoteísmo no Antigo Israel. **Fragmentos de Cultura, Goiânia**, v. 13, n. 5, p. 967-987, 2003.

RIBEIRO, Osvaldo Luiz. As mulheres do efa: epílogo da interdição da deusa e do feminino na Judá pós-exílica. **Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor.**, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 227-253, jan./abr. 2015



RUETHER, Rosemary R. **Sexismo e religião:** rumo a uma Teologia Feminista, São Leopoldo: Sinodal, 1993.

SMITH, Mark. **O memorial de Deus:** História, memória e a experiência do divino no Antigo Israel. São Paulo: Paulus, 2006.

TOSTES, Angelica. Sobre ser mulher. **Revista do Centro de Estudos Bíblicos (CEBI).** São Leopoldo, março-abril 2017.

Submetido em: 8-5-2018

Aceito em: 26-6-2018